





CHIFRES, OSSOS, FALOS, ORIFÍCIOS, ENTRANHAS...

Conrado Zanotto

São Paulo, 2018

Chifres, Ossos, Falos, Orifícios, Entranhas...

Concepção, Pesquisa & Redação: **Conrado Zanotto**

Projeto Gráfico & Diagramação: **Baga Defente**

Edição: **NADA .: Estúdio Criativo**

Fotografias: **Rodrigo Erib**

© *Conrado Zanotto, 2018*

conradozanotto.com.br

con@ponder70.com

Ficha Catalográfica

ZANOTTO, Conrado

Chifres, Ossos, Falos, Orifícios, Entranhas...

São Paulo, 2018

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pós-Graduação da Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Alvares Penteado, como parte dos requisitos para aprovação no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Práticas Artísticas Contemporâneas. FAP/FAAP, 2018.

1 - Cerâmica, 2 - Porcelana, 3 - Escultura, 4 - Instalação, 5 - Gesto, 6 - Processo



AGRADECIMENTOS

Meus pais e familiares, por entenderem e estimularem a escolha de ser artista.

Amigxs e colegas de classe, pelos incentivos, ajudas e trocas de ideias.

Professores, pelos conteúdos, ensinamentos, dicas e paciência.

Profissionais dos estúdios da FAAP pelas ótimas queimas.

Grandes mestres, pelas influências, diretas e indiretas.

Universos, por conspirarem a favor, sempre.

Baga Defente, por editar e imprimir.

Músicos, por compor e tocar.

Artistas, por resistir.

Abstract

This essay presents a compilation of information about my creative production; specifically, I talk about the work elaborated for the conclusion of this postgraduate course: a set with more than 100 pieces, a result of gestures accumulated along 20 months of production, arranged in a single assembly, variable according to the exhibition space. It is the materialization of organic forms, each with its characteristics as size, color, weight, texture and finishing. I incorporate in the text complementary elements of the empirical field of researches and processes, in order to explore the associations between the visible and the invisible, on which the relations that shape reality and provide the repertoires discovery.

Keywords: Ceramics, porcelain, sculpture, installation, gesture, forms, process, contemporary art, art, artist's book.

Resumo

Este ensaio apresenta um compilado de informações a respeito de minha produção autoral; mais especificamente, discorro sobre a obra elaborada para a conclusão deste curso de pós-graduação: um conjunto com mais de 100 peças, resultado de gestos acumulados ao longo de 20 meses de produção, dispostas em uma montagem única, variável de acordo com o espaço expositivo. Trata-se da materialização de formas orgânicas, cada qual com suas características próprias, como tamanho, cor, peso, textura e acabamento. Incorporo no texto elementos complementares do campo empírico das pesquisas e processos, a fim de explorar as associações entre o visível e o invisível, nas quais estão subjacentes as relações que configuram a realidade e proporcionam a descoberta de repertórios.

Palavras-Chave: Cerâmica, porcelana, escultura, instalação, gesto, formas, processo, arte contemporânea, arte, livro de artista.



SUMÁRIO

Ensaio e Trabalho	13
Origem	17
Cara de Cavalo (não é o bandido)	19
Ponto de Vista	23
O que sei e o que vejo	25
História e Vida de Artista	29
Posfácio	35
Referências	39

Escolhe. Carrega. Separa. Abre. Corta. Amassa. Amassa. Amassa. Dobra. Bate. Estica. Amassa. Modela. Torce. Corta. Estica. Dobra. Bate. Amassa. Modela. Raspa. Emenda. Junta. Estica. Gruda. Modela. Espera. Seca. Tira. Raspa. Afina. Junta. Gruda. Espera. Raspa. Lixa. Escova. Lixa. Separa. Queima. Prepara. Esmalta. Queima. Esmerilha. Afina. Acaba. Junta. Empilha. Encaixa. Instala. Equilibra.





Ensaio e Trabalho

Este ensaio tem como objeto de estudo meu trabalho autoral; mais especificamente, a obra apresentada na conclusão do curso de pós-graduação em Práticas Artísticas Contemporâneas. É um experimento que se justifica por si, não se apega a certezas, marcha a partir do pensamento, com conceitos que se cristalizam no movimento. Sem pretensão de completude, é teoricamente superado pela prática, “seus conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro, nem convertem para um fim último”.¹

Chifres, Ossos, Falos, Orifícios, Entranhas... é um trabalho que faz parte de uma série intitulada **Empíricos**. Consiste em gestos materializados em formas, com técnicas tradicionais mescladas a técnicas experimentais de modelagem em argila e porcelana. O projeto tomou corpo a partir de formas orgânicas, que passaram a conversar entre si, e se revelaram em encaixes imperfeitos. O processo pediu interações contingentes entre as partes que, com isso, passaram a ser elaboradas sobre o princípio da coexistência, onde o gesto se tornou consciente e parte integrante de outro gesto, com o objetivo de elaborar peças que se juntam conforme a experiência de montagem, constituindo assim uma instalação.

Neste trabalho, faço uso diferentes tipos de barros. Ao todo, foram cerca de 50 quilos de argila bruta, provindos de diferentes lugares, desde os mais rústicos — como dois tipos diferentes trazidos da Chapada dos Veadeiros (GO), de coloração rosada —, até a porcelana, de acabamento fino e coloração branca. Constam também outros tipos argilas, de diferentes cores, que variam entre branco shiro, preto e tons de marrom como tabaco, e creme. A busca pela variação de materiais, a preparação, a modelagem manual peça a peça, com tratamento e acabamento individual, são exercícios do devir artístico que experimentei ao longo de 20 meses de produção, tendo como resultado final mais de 100 peças.

O acúmulo destes gestos em diferentes momentos é o que constitui o conjunto. Trata-se da materialização de formas disformes, tratadas com zelo, do início ao fim do processo, cada qual com suas características, de tamanho, cor, peso, textura e acabamento. Na composição nota-se padrões, grupos, com torções que lembram entranhas, fezes ou raízes; formas que se assemelham a chifres, ossos, unhas e extensões como dedos, patas; algumas ainda remetem a estruturas fálicas e outras a roscas, buracos e orifícios.

O processo da cerâmica, assim como o da porcelana, se dá em diversas etapas, com diferentes tempos despendidos para cada série produzida, desde a modelagem inicial, o primeiro acabamento, o acabamento final com lixa, a primeira queima em baixa temperatura (700°C), a vitrificação com esmalte incolor brilhante, com aplicação intencionalmente parcial, total ou ausente, e a segunda queima em alta temperatura (de 1000°C a 1200°C) para fixação do esmalte e total secagem da argila. Algumas peças ainda exigem acabamento posterior à segunda queima.

Todo este cuidado traduz o apreço pelo material, que será percebido de diferentes maneiras de acordo com o expectador. As obras podem ser consideradas elegantes, mas talvez possam parecer por vezes mal acabadas. Esta dicotomia se dilui ao mesclar as peças em uma composição única, onde o efeito de aglomerado se sobrepõe ao individualismo de cada uma e passa a constituir algo maior. Esta composição resulta em uma instalação, que assume a forma de um novo corpo, em uma montagem onde as peças saem do chão e ocupam o espaço, se entrelaçando. Para isso, algumas ficam dispostas no chão e outras, penduradas, encaixando-se, sustentadas por um fio, dando a impressão de flutuar. Esta progressão permite a visualização de todos os ângulos. Portanto, há um espaço próprio criado pela obra, onde as estruturas ali dispostas alteram o ambiente expositivo.

A montagem tem como objetivo se colocar em perigo e ter as experiências postas à prova, propõe a constituição de uma unidade, rigorosa, mas aberta, que se dá a partir de fragmentos, com sua totalidade em si. Há, na obra, uma aporia, ou seja, um problema que não se resolve. É preciso aceitar a tensão entre a apropriação das formas e a montagem no espaço como modos de reflexão. O pensamento é aprofundado no objeto e utiliza conceitos no mesmo sentido para reforçar o significado a partir de entidades orgânicas, como se faz claro no título: são partes de corpos, com percepções das forças que nos atravessam. É um mapa de formas que remete ao caos.

O resultado é uma obra-experiência, acontecimento com transversalidade, em um eixo que cruza o espaço real, transforma e desloca. Uma realidade sensível que gera tensão e reverbera em outros corpos. Existe na proposição uma potência de dar passagem, extra-sensorial, uma pulsão. A ideia gira em torno da coabitação, uma questão fundamental a partir de um contexto

social e da natureza, mesmo que haja uma incerteza quanto a utilidade desta natureza. “Os trabalhos em questão estendem a presentidade como uma experiência consciente.”²

A obra cria um espaço poético, intelectual e artístico, onde as diferenças coexistem em um acoplamento de mundos que parecem se mover, as peças caminham para este ser maior, onde um corpo se constitui de outros corpos e parece atraí-los para seu centro.

Explorando encaixes imperfeitos, as peças suspensas sucedem-se, tendo a variação de cores como garantia de continuidade. O movimento das peças traz esta característica de suspensão, livres da tensão do próprio peso; devem unificar-se pelas formas, que ocupam, neste caso, um papel considerável. Sem elementos de construção explicitados, a obra faz um elogio a leveza. “A instalação é marcada por esta fuga ao peso, como se sua inserção problemática no mundo devesse começar por excluir a lei da gravidade universal.”³

Origem

Argila, terra, barro colorido, amassos dados, soca, enrola, torce. O formato que aparece, as mãos que enrugam e secam. Ao som dos clássicos, do jazz, das músicas tradicionais indígenas, o movimento se faz em gestos. São coisas que vejo, aos poucos almejo. Tornam-se o que não tinha pensado, encaixes imperfeitos, série indefinida, a ideia que flutua não pode ser esquecida. A composição feita a mão, uma a uma como uma oração, o terço, a reza que se costura, como em um ritual. Aos poucos, aos muitos, o efeito visual, o tato, o peso, cada qual com a sua característica, uns enrolam, outros esticam, se prendem e se penduram. Texturizados ou lisos, de padrões ou sem repetição, como o número mágico, infinito, pi. Ao adentrar uns aos outros buscam o equilíbrio, assim somos por dentro e por fora, temos diferenças que se encaixam, as vezes com perfeição, outras vezes não.

O barro seca em tempos, as leis são desafiadas, as peças afinadas até o limite do que se permite, as vezes quebram, um xingamento escapa, mas para que se alarmar? Há males que vem para ficar. O bem e o mal não passam de mera interpretação. O que resta é transformar em novas formas, para ver o que vai acontecer, e assim, outras peças surgem, como uma mitose ou meiose, o processo me lembra a origem de tudo.

Na busca pelo meu ser, no âmago das entranhas, o que temos dentro de nós? Nós duros que parecem moles, entrelaçamentos indolores em cores. A paleta cromática da vida, da terra que foi moída, rearranjada em tijolos úmidos que se propõem à transformação em outras camadas, terras sobrepostas, sobre expostas, como as montanhas, montes e morros. São traduções do gesto do artista, figuras não figurativas, abstrações em formas. A polaridade conceitual, dualidade do corpo mental, psicologia reversa, inversa, atemporal, a loucura. “O que se observa é a sensibilidade permeando todo o processo. A criação parte dele e caminha para sensações e, nesse trajeto, alimenta-se delas”.⁴

Chifres, ossos, falos, orifícios, entranhas, pêlos, pedaços, unhas, dedos, vulvas, bolas, círculos, roscas, torções, músculos... O que quero dizer com isso? Apenas sinto que devem estar juntos, pois a vida se dá na união dos fatores, da soma, multiplicação, divisão e subtração. Tudo que acreditamos se deve à uma força invisível, que nos puxa para o centro desconhecido do planeta a 10 m/s^2 .

O equilíbrio, a possibilidade eminente do cair, o que nos move a sorrir ou chorar deve ser posto em atitudes ou materiais. Tal qual o papel do artista, ao se colocar como um dispositivo de atuação política, no bom sentido da palavra.

O medo de quebrar, uma das poucas certezas da cerâmica. A resistência frágil que se apoia no emaranhado de uma cena. “O que vemos só vale — só vive — em nossos olhos, pelo que nos olha”⁵. Atravessamento ambíguo de interpretações soltas, este é um sentimento inexplicável. Seria o amor o motor da evolução? O que explica a tal lei da atração? Ninguém até hoje conseguiu entender o existir. “Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”⁶





Cara de Cavalo (não é o bandido)

Escolho a cor da argila a trabalhar, separo a quantidade para o preparo das peças, vou por partes, é hora de amassar, faço as “caras de cavalo”, apelido dado ao movimento que se faz para tirar o ar do barro, passo inicial fundamental para todo processo, pois evita a formação de bolhas no interior da peça, que pode ser responsável por uma explosão dentro do forno, com a conseqüente quebra da peça.

Meia noite, começo com movimentos aleatórios, não penso, sinto o material, enrolo, torço, emendo, trago técnicas básicas em formas complexas. Minhoquinhas, massinha, placas, quadrados, bolinhas, furos, emendas impossíveis, fita de Moebius, infinito. O pensamento rizomático se abre e explode em todas as dimensões. A analogia é com um rizoma de crescimento diferenciado, polimórfico. A peça se forma aos poucos, e definido o formato, passo a trabalhar na composição, a explorar e experimentar, me desafio.

A gravidade opera no fundo, esta força que não se descreve, apenas sente. Em alguns casos, a quebra é inevitável. Este erro passa a ser aprendido. Temos codificado em nós, e em tudo o que fazemos, estas forças físicas. O esforço se repete e aparece no resultado. O que reina na montagem desta obra é o princípio da incerteza e o que está em jogo é a equivalência entre massa e energia.

“A variação de suportes alonga o discurso da obra e cria inter-relações com o sensível. Quanto maior a energia gasta, maior o acúmulo de Entropia. Podemos aplicar o conceito de rizoma a filosofia. O rizoma como modo de resistência estético político. Não existe caminho certo, o correto talvez seja o mais intensivo. Por isso a importância de criar linhas de intensidade dentro da mesma série.”⁷

A energia empregada em forma de calor trocado no ato de modelagem das peças, funciona como este fenômeno físico, onde vemos a vida que se transforma a partir deste processo irreversível. A insistência e pertinência permeiam o devir artístico e passam a fazer parte dele, gerando múltiplos incansáveis. A intensidade se dá na exaustão destes movimentos que se repetem nos padrões de composição.

Os métodos, estratégias, táticas e processos de pesquisa e produção dão embasamento ao trabalho. Materializo ideias, para isso, uso de técnicas, práticas e poéticas. Na solidão dos projetos⁸, prospecto, intenciono, vejo o futuro, realizo e desejo. Por vezes, me separo do presente, suspenso, fico a imaginar. Devo pensar trabalho e ação na dimensão da vida. Ações estas que partem de uma intencionalidade, é preciso transpor os limites e deixá-las perceptíveis, para inseri-las dentro de um sistema. Mas o sistema é tão poderosamente perverso que as absorve.

Trata-se de uma eterna luta ideológica para criar ligações inesperadas, choques, diferentes ângulos, contra a ordem vigente. Ruptura do sensível, seja cooptada pelo discurso, generalizada pelo espetáculo ou pela morte da imagem, a obra anuncia conflitos ainda não verbalizados, como uma maneira de criar códigos, entre expressão, representação e significação, entre consenso e descenso, a arte partilha e compartilha.

O espaço do expectador passa a ser o espaço da obra. Teoria do não objeto. Vivência mágica entre espaço e tempo. A arte ocupa um lugar entre os despropósitos, pode ir direto ao ponto e terminar onde quer. A objetividade do conhecimento é dada pela experiência humana individual, subjetiva, onde as vivências pessoais conferem relevo ao conteúdo.

O futuro nunca chega, é um presente contínuo, no qual a atenção mora e demora no tempo. O olhar atento atinge um nível complexo de percepção, onde produz tempo, ao esperar a epifania, venço a pressa da angustia com perseverança, despojamento, trabalho e contradição. A relação dialética entre o significante e o insignificante dentro do tempo gera a potência do discurso. A arte tira o sujeito do papel na sociedade e o insere em uma espécie de utopia, um não lugar que rompe com as evidências para dar forma ao invisível.



Ponto de Vista

Arrancado da terra, transportado para longe, minhas lembranças elementais telúricas permanecem em corpos molhados agora fragmentados. Sou a terra, para sempre serei. Tenho em mim uma memória celular, sei de onde vim, e agora o tempo passa diferente, pois estou embalado em sacos, sufocado. Olho para os lados e vejo meu corpo cortado em retângulos, estou em pedaços, de cores variadas, vim de diferentes lugares e fui tratado, sou pesado em quilos, separado em tipos, etiquetado e vendido. Me vejo em estantes, pronto para o consumo. Alguém me tira daqui!

Um dia meus pedidos são atendidos. Sou levado, é estranho, mas me sinto como prestes a ser livre novamente. Quando abrem o saco, que alívio! O ar reage comigo e finalmente respiro. Inspiro. Uma linha me corta em pedaços, sou amassado, sinto o ar sair, uma sensação estranha toma conta quando sou tocado, manipulado me vejo em vários formatos, sinto os gestos, reparo na música que permeia o ambiente, a luz incide sobre meu corpo que se transforma em formas.

Sou feito em torções, reencontro comigo em composições mórficas, sou infinito, estou dentro e fora de mim, cortado, de repente quebro, emendado, desafio a gravidade. Gosto-me e desgosto ao mesmo tempo, suporto meu corpo em posições, sou composto de ideias, resulto em objetos, são fragmentos de minha essência, conectados por certa existência que vem de antes de sair da terra. Meus ancestrais se conectam, eles sentem a necessidade de se juntar novamente, mesmo que energeticamente, estamos cientes de nossa coexistência.

Ao reagir com o ar, eu seco. Ferramentas me atravessam, raspam minha pele, sou lixado, agora sou pó que se espalha. A parte concentrada de mim vai ao forno, o calor me seca mais, sinto que fico mais forte, praticamente inquebrável. Saio do forno menor mas muito mais rígido. Sou mergulhado em um líquido revigorante, parcialmente ou inteiro, parece uma capa. Volto para o forno, desta vez mais quente que nunca! A parte que foi imersa se solidifica, é o esmalte, que reage com minha superfície e a deixa mais viva, como uma proteção vitrificada, as partes agora fazem parte de meu todo, com diferenças que realçam minha cor natural. Sou argila, sou barro, agora cerâmica. Estou pronto no ponto final.

De repente, lá estão eles, meus amigos, parentes, conhecidos, ali, cada qual com seu novo formato, fico feliz em vê-los transformados, não julgo. Somos todos colocados juntos para compormos um novo corpo, uma nova morada.

O que sei e o que vejo

A palavra é mágica e performa concreta,
O concreto é armado na cidade dissimulada
Onde moramos, vivemos, sobrevivemos.
Prédios públicos e privados, simulacros.

A natureza escondida sobre as construções.
O orgulho de trabalhar em uma empresa que se preza.
O centro financeiro, um dos vários centros financeiros.
Avenida e vias de nomes maciços.

Qual será o peso de um prédio?
Quanto se calcula para fazer tais estruturas?
A matemática é reta,
Engenheiros nos acudam.

O discurso em formas, com tijolos espelhados.
A linguagem como consequência da realidade,
A ciência do concreto particular, o abstrato geral.
Fenômeno versus conceito.

Arte como sistema de representação.
Imagem abstrata e conceitual.
Expressão, Representação & Significação.
Qual valor da imagem?

Crise da arte.
Economia da crise.
Narrativas de tempos.
O culto ao oculto.

Sociedades secretas.

A antropologia do sistema não considera o homem.

Simbolizar, estabelecer relações,

Cultura como inibidor de capacidades naturais.

Signo sensível.

O que era meio passa a ser fim.

Fetiche, magia.

Seres culturais resignificam significados.

Lugar comum transfigurado,

Peixe no céu.

As imagens são formas que pensam.

A ordem carrega a potência do caos.

Preciso de um pensamento mágico.



História e Vida de Artista

O primeiro presente que lembro ter escolhido quando criança foi um cavalo. Não, não era um cavalo de verdade, apesar da minha vontade. Segundo minha mãe, na época sugeri de deixarmos ele, o cavalo de verdade, no meu quarto ou no quintal de casa. Obviamente não caberia no bolso dos meus pais e muito menos no quarto.

A opção disponível em questão, estava em uma loja de esquina no “calçadão”, apelido que se dá ao centro de cidades do interior, assim é onde nasci, em Ourinhos, interior de São Paulo. O presente que escolhi foi um cavalo de ferro, dourado, que para mim era de ouro.

O cavalo foi o início de uma coleção, eu não sabia, mas foi a primeira “escultura” de fato, pois não tinha valor de brinquedo, era diferente, tinha uma espécie de áurea, uma energia, digamos, quântica.

Eu colecionava animais de todos os tipos: pelúcia, borracha, plástico, além dos animais de verdade como os tradicionais cachorros e gatos a esquisitices como aranhas. Também houve época em que me interessei pelo micro, coisas pequenas que eu colocava no microscópio, outro presente do qual até hoje sou lembrado pelo meu pai devido a dificuldade em encontrar este tipo de coisa na época.

Tenho apreço pela vida. Queria cursar biologia genética ou zootecnia, estas coisas de nerd. Lia livros de animais e cheguei a ter o quarto todo “decorado” com páginas de revistas com fotos de bichos. Estas, em seguida, foram substituídas por pôsteres de Rock & Roll — entrei na adolescência rebelado e deixei de lado o cientista nerd.

Não há problemas em deixar de lado características que depois percebemos que estavam dentro. A música punk me fez crítico. Fui para outro lado da criação, preferi o laboratório da vida real, sem microscópio. A olho nu vi o tempo passar na arte de viver o momento.

Ainda tenho o cavalo. Esqueci-me dele por um bom tempo, o resgatei, tentei pintar de outra cor, branco, mas desde a última vez que o “achei” nas coisas que se guarda na vida, desbotado e triste, removi a tinta falha e ele voltou a brilhar em seu dourado original, envelhecido da verdade de um tempo que não volta mais.

Desde então ele ganha destaque em meus sentimentos, de uma época sem julgamentos ou críticas, eu simplesmente olhei e adotei aquele objeto que hoje está carregado de lembranças e histórias, que se revelam somente para mim, como em um filme maluco destes diretores que a gente gosta.

O cavalo possui uma simbologia complexa, no campo da psicanálise, está associado ao psiquismo inconsciente, não humano, está ligado aos relógios naturais e à impetuosidade dos desejos. Possui clarividência, e se o cavalo simboliza os componentes animais, inconscientes e irracionais do homem, também esclarece a razão pela intuição.

Centauros são monstros que representavam a identificação do ser humano aos instintos animais, personificam as forças mais grosseiras da natureza. São seres fabulosos da mitologia grega, metade homem e metade cavalo, que habitavam as regiões da Arcádia e Tessália. A história dos centauros está quase sempre associada a episódios de barbárie, era a personificação das forças naturais desenfreadas, da devassidão e embriaguez. Ao revitalizar estas lembranças, ou até antes, quando ainda engolidas pelo inconsciente, esta imagem do cavalo sempre esteve presente.

Organizei esta busca na relação entre os eixos Arte, Ciência e Espiritualidade, unidos em uma só Cultura, estudo baseado no tratado de paz proposto por Nicholas Roerich⁹, representado por um símbolo que ficou conhecido mundialmente por Bandeira da Paz.

Juntei todo este tempero teórico no molho da prática, me voltei para a Natureza, lugar onde entendo que, tudo o que se manifesta, leia-se vida, evolui. A pesquisa passou a ser o estudo e percepção destas influências energéticas, integradas aos conhecimentos com base em ensinamentos ancestrais de grandes livros, como I Ching e Tao Te King.

Como afirma Yoko Ono, “o mundo nos providencia todo material necessário para ser artista. Quão mágico é viajar para colher este material e viver com atenção as experiências?”¹⁰

Deixo um recado para os artistas que estão prestes a embarcar em uma viagem na ótica de uma ótima ocupação, reafirmo o importante papel do artista ao transformar a natureza e principalmente manter sua natureza.

Segundo Ricardo Basbaum em “Artista-etc”: “Artista’ é um termo cujo sentido se sobrecompõe em múltiplas camadas, isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo. Sua multiplicidade, entretanto, é invariavelmente reduzida apenas a um sentido dominante e único. O ‘artista-etc.’ traz ainda para o primeiro plano conexões entre arte & vida (o ‘an-artista’ de Kaprow) e arte & comunidades, abrindo caminho para a rica e curiosa mistura entre singularidade e acaso, diferenças culturais e sociais, e o pensamento.”¹¹

São as atitudes que se tornam arte, as ações que partem de uma intencionalidade, na busca por transpor limites e deixar algo perceptível. É preciso inserir algo dentro do sistema, para tal, não posso deixar de ser artista por nenhum segundo, como reforça Sam Gilliam Jr, em seu discurso na escola de artes de Memphis, em 1986, publicado em uma grande compilação de textos de Teorias e Documentos da Arte Contemporânea: “É preciso manter o Centauro vivo, o fogo aceso e o ambiente aquecido. A arte salva! Recomendo a arte para manter a sanidade, mantenha seu trabalho, para aquilo que não só o artista vê mas que também é capaz de ajudar as pessoas a verem. Mantenha o fogo ardendo. Escolha transformar o senso de natureza através de nós para os outros.”¹² Esta colocação traduz o sentimento de luta eterna e interna, com reflexo no externo da vida cotidiana.

O artista cita também neste mesmo discurso, Robert Henri, que nos deixa a seguinte lição no livro *The Art Spirit*: “Mantenha seu trabalho antigo, você o fez. Existem virtudes e falhas neles. Vocês podem aprender neles mais de vocês mesmos do que no de outros.”¹³

Ou seja, o trabalho do artista é um tesouro que deve ser salvo.

Não há regras, o importante é não parar.



Posfácio

Todos os seres existentes, são resultado da materialização biológica de energias em trânsito que caracterizam tipos de inteligências, os chamados arquétipos. Estas energias encontram na Terra condições ideais, resultantes de variáveis físicas, químicas, matemáticas, geográficas, históricas, enfim, uma confluência de fatores. Neste ponto de vista cósmico, o planeta é visto como um grande laboratório de experimentações.

Estas energias se organizam em fluxos, ou seja, consciências, que se expressam na natureza, em forma de animais, plantas e todo tipo de matéria orgânica, seja mineral ou animal. Estes arquétipos são relacionados a múltiplas constelações e complexos estelares presentes no Universo, hoje conhecido como Multiverso. Alguns seres são reflexos puros destas inteligências, outros, são híbridos, constituídos de conglomerados de energias acumuladas durante o tempo de evolução. Nós, humanos, somos uma mistura complexa.

Podemos identificar e observar comportamentos e aparências destes arquétipos nos humanos. Seres mais répteis, peixes, felinos, aves. Vide todas as teorias elaboradas por civilizações ao longo da história, como o horóscopo chinês, a simbologia maia, o conhecido zodíaco e o perspectivismo ameríndio, por exemplo. Temos codificado em nós um tipo de memória celular, uma descendência cósmica, que é ativada a partir de exercícios de presença e em momentos especiais, e pode ser vivenciada em práticas de atenção, como as artes plásticas, música, meditação, dança, cinema, ou qualquer atividade que se desenvolva na presença. A importância do devir artístico faz-se notável nesta busca, com foco em desenvolvimento, autoconhecimento e atenção, são nestes estados atentos que podemos perceber a vida de forma plena.

A constante mudança que acontece em todas as coisas é sempre uma alternância entre contrários: coisas quentes esfriam, coisas frias esquentam; coisas úmidas secam. A realidade acontece, então, não em uma das alternativas, posto que ambas são apenas parte de uma mesma realidade, mas sim na mudança, na guerra entre os opostos. Por isso os termos relativos às teorias da física e da termodinâmica são tão caros ao entendimento da vida, já que tudo é troca de calor, entropia. Sem estas trocas não há evolução.

Heráclito de Éfeso diz “Tudo flui” (em grego, πάντα ῥεῖ; *panta rei*) e sintetiza a ideia de um mundo em movimento perpétuo, onde o Tempo é um meio contínuo, não linear e indefinido no qual os acontecimentos parecem suceder em momentos irreversíveis, disponíveis para qual uma coisa se realize, com relação direta com o espaço. A Energia como faculdade que possui um sistema de corpos para fornecer trabalho com variáveis de força, posição e velocidade, com

relação direta de massa e volume. Arte como o resultado da multiplicação destes fatores, uma aptidão ou habilidade para fazer algo, atividade considerada como um conjunto de acontecimentos a observar, um conjunto de obras.

“A arte é um campo do conhecimento no qual se colocam e resolvem problemas; é o lugar onde se pode especular sobre temas e relações que não são possíveis em outras áreas do conhecimento.”¹⁴ Os trabalhos apresentados e os projetos subsequentes em processo buscam signos e sintomas no presente para traduzir experiências e dar sentido ao que acontece dentro e fora de mim, como estímulo a percepção da realidade para além daquilo que está diante de nossos olhos.

Tempo x (energia) = Arte



Referências

- ¹ ADORNO, Theodor W. *O Ensaio Como Forma*. In: *Notas de Literatura I*. 2ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.
- ² MORRIS, Robert. *O tempo presente do espaço*. In: FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (orgs). *Escritos de artistas, Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ³ RAMOS, Nuno. *À espera de um sol interno*. In: **Ensaio geral: projetos, roteiros, ensaios, memórias**. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- ⁴ SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- ⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que Vemos, O que Nos Olha**. São Paulo: 34, 1998.
- ⁶ LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1992.
- ⁷ MAIOLINO, Anna M. Trecho de fala realizada no evento *Aula Magma da Escola Emtrópica: “Os desafios do fazer artístico”*, em 19 de fevereiro de 2018 no Instituto Tomie Ohtake.

- ⁸ GROYS, Boris. *A solidão do projeto*. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/rede/temporada-de-projetos-na-temporada-de-projetos/textos/a-solidao-do-projeto>. Acesso em: 15 de abril 2017.
- ⁹ ROERICH, Nicholas. *O Pacto Röerich*. Disponível em: <http://roerich.org.br>. Acesso em: 20 de setembro 2017.
- ¹⁰ ONO, Yoko. *To a Young Artist*. In: ANDRESS, Sarah (Editor); NESBETT, Petter (Contributor). **Letters to a Young Artist**. Nova Iorque: Darte Publishing, 2006.
- ¹¹ BASBAUM, Ricardo, *Love etc-artists*. In: HOFFMANN, Jeff (Editor); ABRAMOVIC, Marina (Contributor). **The Next Documenta Should Be Curated by an Artist**. Nova Iorque: D.A.P./Distributed Art Publishers, 2000.
- ¹² GILLIAM, Sam. *The Transformation of Nature through Nature* (1986) In: STILES, Kristine; HOWARD SELZ, Peter. **Theories and Documents of Contemporary Art: A Sourcebook of Artists' Writings**. Berkeley: University of California Press, 2012.
- ¹³ HENRI, Robert. **The Art Spirit**. Important Books, 2013.
- ¹⁴ CAMITZER, Luís. *O artista, o cientista e o mágico*. Humboldt, 2011.



1ª Edição [2018]

Tiragem: 08 exemplares

_____ de 08

Esta obra foi composta em Crimson Text e Campton,
impressa pelo NADA.º Estúdio Criativo
para Conrado Zanotto em novembro de 2018.

